“60 ANOS DA GEOGRAFIA UFRGS”

Prof.^a Alba Gomes

Bom eu agradeço o belo convite que recebi de estar aqui nessa solenidade tão interessante que é a comemoração dos sessenta anos do curso de geografia. Só que eu quero dizer que eu acho que vocês me convidaram porque sabiam de antemão que eu fiz parte da fundação do curso como aluna.

Esse curso fundado em 1943, juntamente com outros cursos que então constituíram a faculdade de filosofia, chamava-se de Curso de Geografia e História. Então nós tivemos, acho que até, uma boa oportunidade de tirar um curso que era geografia e história que nos deu uma base muito boa tanto em uma disciplina quanto outra, para depois nós podermos optar sobre a disciplina a escolher para trabalhar. Eu desde o início, claro, quis geografia. E história, eu aproveitava a história que nos era relatada, mas nunca tive muito entusiasmo pela história, não. Bem com estou de início aqui declarando até a minha idade, porque em 1943 eu fiz vestibular e entrei para o curso de geografia que então estava se iniciando. No Brasil eu acho que haviam mais dois cursos: da Faculdade de Filosofia de São Paulo e da Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro. A nossa tenho a impressão foi a terceira, talvez junto com outra também, mas em terceiro lugar.

Bem nessa época aqui em Porto Alegre eu creio que os organizadores do curso, de todos os cursos: Geografia e História, História Natural, Matemática, Física, etc., lidaram com bastante dificuldade para escolher o corpo docente, os professores. Nossos professores eram todos improvisados, com a melhor das boas vontades nós tivemos professor de Geografia Humana que veio da área do Direito, Professor “Lorenço Mário Prumes” que se esforçava ao máximo que era um excelente professor. Já naquela época eles nos estimulavam a pesquisa, faziam o trabalho de campo que era mais uma visita ao local que propriamente um trabalho de campo organizado com vocês fazem hoje na graduação e na pós-graduação também, “mas ainda né”. E então esses professores que acho foram surpreendidos porque trabalhavam em outras disciplinas, surpreendidos em terem que trabalhar com geografia. Geografia Humana o professor “Prumes”, Geografia Física com professor “Nei Crisortemam” que era Engenheiro, História professor “Dante Laitano” que era do Direito também, professor “Francisco Carrion” de história Contemporânea. E assim foram se formando as disciplinas com a curiosidade, com a boa vontade do estudo e da dedicação destes professores que muito nos estimularam que nos deram forças e toda sua capacidade de trabalho revelada para que nós pudéssemos continuar.

E foi interessante porque na época que eu tirei Geografia aqui, eu Geografia, mas é Geografia e História, eu nunca tinha ouvido falar em Geomorfologia e de repente se deparou para mim uma oportunidade de fazer Geomorfologia. Quando veio essa oportunidade que foi através do professor Tricart de “Strasburgo” e que me convidou no estávamos numa assembléia de geografia, vocês sabem aquelas assembléias “quase tu sabe” acho que os colegas mais antigos talvez tenham freqüentado as assembléias geográficas, mas aquelas assembléias geográficas que nos davam uma formação de campo muito boa. Nós éramos obrigados a fazer pesquisas de campo e éramos obrigado a fazer os relatórios dos trabalhos de campo e isso nos dava uma chance tremenda de conhecimento, de coisa, de pessoas.

Esse conhecimento de coisas e que eu tive a oportunidade, eu estava iniciando aqui, bom eu to um pouco de salto, mas em todo caso, eu estava iniciando como professora no curso de geografia quando conheci o professor Tricart numa dessas assembléias. Foi apresentado a mim ela professora Alba Nogueira, Maria Amélia Alba Nogueira, professora encantadora, uma geógrafa de primeira qualidade que infelizmente nós perdemos naquele trabalho do Radam naquela excursão aérea. Em então fui apresentada ao Professor Tricart e eu disse a ele, ele me convidou para ir para França, eu disse: “não eu não quero, eu não posso ir para França”, Eu estava começando, não tinha base, nunca tinha tido geologia e nem Geomorfologia no meu curso, nunca tinha trabalhado com fotografia aérea, então eu disse: “Não, eu não posso muito obrigada. Preciso ainda mais tempo para estudo” e o professor Tricart muito simplesmente disse: “não, se você não tem vai começar lá na França”. E foi assim ter status como professora do curso de Geografia que eu me vi na obrigação de ir que de repente a gente é inquirida para fazer alguma coisa e quando a gente assumir é uma responsabilidade muito grande que foi de aceitar o trabalho num Departamento de Geografia.

Bem, então eu acho que eu fui a primeira professora do curso de Geografia que teve a oportunidade de sair e trabalhar fora a duras penas, custou muito pra mim, tremendamente. Desde o francês, meu francês era o francês de ginásio, mas naquela época se estudava francês no ginásio pra valer, então tinha uma base boa para compreender o francês. E assim então eu fui e essa primeira vez que eu fui a “Strasburgo” pro estágio, já tive que fazer então o curso de “(trans en cicle)” como eles chamam, chamavam acho que mudou. Eu cheguei em Dezembro que fui atrasada, já com os tramites todos para a ida eram demorados. Cheguei em dezembro e em Maio eu tinha que prestar exame. Eu fui ao professor Tricart e disse: “não eu não posso fazer o exame, eu não tenho condições de fazer o exame” Professor Tricart “a tem sim, porque eu tenho muita responsabilidade perante o ministério, então tu tem que fazer o exame”. Então eu fiquei desesperada, estudava noite e dia e é aquela coisa horrorosa nem

quando a gente tem quando se é submetida a uma prova, um teste com uma experiência. Bem então eu tinha tido, claro já, essa época, desde dezembro até maio, uma oportunidade muito boa de trabalhar no laboratório do Departamento de Geografia, lá e laboratório que nós tínhamos de estudos de sedimentos que eu nunca tinha feito aqui também e fotografias aéreas que eu também não tinha. Bom, caiu no exame, os exames eram longos, caiu no exame uma prova escrita, uma prova oral, uma prova de laboratório onde tinha-se uma análise para verificar pelo microscópio e disser onde vinha, qual era a procedência, etc. e uma prova de fotografia aérea e a última trabalho de campo. Esse pro campo o professor Tricart deixava cada aluno, no caso eu era a única brasileira tinham mais dois franceses fazendo o ciclo também, cada um na frente de um corte e ele foi distribuindo assim os alunos e voltou depois pra perguntar o que nós achávamos do corte. Bom, eu acho que sempre tive muita sorte na minha vida, então eu tinha lido na véspera um trabalho do professor Tricart onde ele relatava um corte do “cone Vulgino” eu tava de frente ao “cone Vulgiano”. Então eu só tive que descrever, não é, cada um dos sedimentos que eu estava vendo e a dinâmica adequada ao transporte daqueles sedimentos a conclusão era que era “cone Vulgiano”.

Bom, mas então eu tive essa sorte, fui no departamento a primeira a sair, depois então nós tivemos outros professores que também foram a França e que fizeram seus trabalhos. Eu não fiz, eu só fiz essa graduação do “(trans en cycle)”, eu não defendi tese na França, eu voltei e defendi minha tese aqui foi livre docência que eu fiz na época nós não tínhamos o privilégio que vocês tem hoje de já um curso de pós-graduação, não havia. Então pra resolver o caso dos professores que não tinham pós-graduação eles facilitaram, era uma lei federal. Facilitaram, permitindo que se fizesse a livre docência. Então foi o que eu fiz, eu sou apenas uma livre docente. Bom, outros professores como os professores Rafael estiveram na França também estudando no sul da França com o “M. Roche” que tinha estado no Brasil. Criou a aliança francesa e ele trabalhou também, não no contemporâneo comigo, mas ele trabalhou no departamento de Geografia. Ele fez uma tese fabulosa para nós, porque uma tese sobre colonização alemã no Rio Grande do Sul, foi a tese de doutorado dele, um volume enorme e que tem tudo sobre migração alemã no Rio Grande do Sul. Bom, então o professor Rafael teve essa oportunidade e depois então os professores foram adquirindo mais experiências num curso de férias, nós fazíamos muitos cursos de férias no Rio de Janeiro no conselho nacional de geografia, no bendito conselho nacional de geografia que fazia esses cursos para treinamento de professores e que publicava obras fantásticas que eu pelo menos tinha completa e doeie ao instituto de geociências toda minha coleção do boletim geográfico e da revista

brasileira de geografia. Elas estavam completas e eu doeie quando um belo dia eu estava em casa e vi todos os meus livros enfeitando o meu gabinete e eu comecei a pensar: “Mas eu não uso, não vou pegar mais alguma coisa de geografia para ler. Então alguém deve estar precisando”. Então telefonei pra o “Clóvis Carraro” que era o Diretor do Instituto na época e perguntei pra ele se ele queria, se ele aceitava para a biblioteca, ele disse que sim. Eu mandei acho que foram umas 16 ou 17 caixas enormes de livros, eu tinha muitas revistas. Revistas francesas também e eu tinha, que eu trabalhava na área de Geografia do Brasil, mas eu não tinha só a bibliografia de Geografia do Brasil. Desde que quando eu fui pra França eu trabalhei com Geomorfologia, então eu tinha muita coisa sobre geomorfologia da França, da Inglaterra da Inglaterra eu também tinha muita coisa. Tive minha experiência, trabalhei com didática da geografia antes mesmo de ter entrado para Geografia do Brasil do departamento, eu trabalhava com didática. E na época a divulgação didática era muito pequena, então eu fui buscar na Inglaterra, eles tinham alguns livros sobre didática, me serviram esse e esse e foram doados também.

Bom, mas eu só to falando em mim, os outros professores não é que eu esteja esquecendo, mas eu gostaria de fazer mais uma relação, então eu vou voltar. Os demais professores então que nós tivemos, eu até gostaria de prestar uma grande homenagem a um grande professor que nós tivemos: chefe de departamento, uma pessoa de uma cultura muito boa e que iniciou aqui no Rio Grande do Sul os estudos do clima, professor “Luiz Parem de Araújo”. Foi nosso chefe de departamento, uma pessoa compreensiva, eu não fui infelizmente não aluna dele, ele entrou depois. Eu já o conheci como colega, então não restava dúvida que ele era uma pessoa equilibrada que dirigiu as mil maravilhas o Departamento de Geografia numa época muito difícil em que nós estávamos numa transição. Em primeiro lugar foi a separação da História da Geografia, ficamos independentes da História, as havia professores a favor e contra, porque a história em certo momento era considerada um complemento da geografia, mas com a evolução da geografia nós verificamos que a metodologia que se trabalha para história, então justificava a separação. Então em 63 foi separado o curso de Geografia e história, portanto também cinquenta anos o curso de geografia sozinho, não geografia e história. A partir daí algum tempo depois foram criados funções de carreira e nessa função de carreira nós tínhamos a oportunidade de discutir currículo, pensar em currículo e brigar por currículo, muito brigamos por currículo, porque a geografia era principalmente uma geografia humana e uma geografia física. Nós queríamos desenvolver da mesma forma com homogeneidade tanto geografia física, quanto geografia humana e dar a possibilidade para cada um, cada uma delas, tornar seus ramos e crescer dentro desses ramos,

um deles foi à geomorfologia. Nessa época, foi criado aqui, 1960 eu acho, o curso de geologia e com a criação do curso de geologia nós tivemos a oportunidade de trazermos ao Rio Grande do Sul o professor “Aziz Nacib Ab’Saber” como é um professor de geomorfologia número um no Brasil, assim como o professor Tricart é um geomorfólogo número um na França, na minha opinião são. Eu tive uma oportunidade muito grande deveria então abrir essa responsabilidade, mas acontece minha responsabilidade era grande, mas minha formação não. Eu tinha uma formação muito deficitária e eu ia procurando estudar e completar meus estudos fora daqui do Rio Grande do Sul para poder enfrentar esse crescimento da geomorfologia e o crescimento da geografia com um todo. Então o professor “Aziz Ab’Saber” esteve aqui trabalhando na geografia, como geomorfólogo e essa época foi a primeira vez que eu fui a França e ele trabalhava na área de geografia do Brasil com a minha titular na época professora “Bina Machado”. Bom, “Aziz” permaneceu aqui algum tempo, na geologia principalmente, e nós tivemos professores visitantes no Departamento e assim o Departamento foi crescendo. Os alunos também que freqüentavam foram se especializando muitos deles em São Paulo que havia o pós-graduação, Doutorado. E então eles fizeram a sua formação em outros sítios e não Porto Alegre, porque aqui não havia e felizmente agora então eles estão transferindo para cá tudo o que trouxeram de outros estados.

Os trabalhos que nós executávamos no Departamento de geografia se constituíram como pesquisas de geografia humana e de Geomorfologia. Eu me lembro que o primeiro que nós fizemos em conjunto com e a pedido do professor, muito querido, mas ele era da área de sociologia, professor “Laudelino Medeiros”, acho que muitos conhecem e ele estava organizando um simpósio sobre migração alemã e então ele pediu ao departamento de geografia para realizar um trabalho onde ele pudesse levar aos pesquisadores estrangeiros ou nacionais que viessem ao simpósio e que conhecessem uma área tipicamente alemã. Então eu lembro, vou falar bem rápido sobre isso, me tocou bastante o trabalho que eu mais ou menos participei e até quase que dirigi junto com os professores. Foi um trabalho muito pequeno, mas que deu muito prazer, porque quando a gente faz uma coisa quase que sozinha aquilo dá um prazer muito grande. Então o professor “Laudelino” pediu esse trabalho e nos levou a área para nós conhecermos uma área de colônia alemã, nos levou a Nova Petrópolis. Foi o professor “Rafael”, eu, a “Gisela” que era aluna ainda, um grupo de alunos pra ajudar na pesquisa, o professor, o professor “Laudelino” e fomos a Nova Petrópolis. O tempo para realizar o trabalho era pequeno, Nova Petrópolis é um município grande e nós teríamos que fazer de todo município, então eu propus: “vamos fazer de a história de um vale”. A geografia

dum vale, então saiu a geografia do “vale da Joaneta” que era tipicamente alemã e naquela época, aproximadamente 1970, era um vale muito fechado. O “vale da Joaneta” é aquele vale que antecede, ali perto da “Picada Café” entra-se a direita para ir a esse “vale da Joaneta”. Era tipicamente de famílias alemãs e era tão difícil que muitas vezes eles não falavam português. Nós levávamos alunos que sabiam falar alemão para serem intermediários e fomos também solicitar ao padre que tinha na igreja no vale para esclarecer a população do que nós estamos fazendo, porque havia muitas restrições a responderem nossas perguntas. Esse trabalho então foi apresentado no simpósio. Era o meu primeiro trabalho, o do professor Rafael acho que também e dos outros também. O professor “Laudelino” que era mais experientes chegava para nós e dizia assim: “ Se vocês não fizerem um trabalho que preste eu não pago”. Se não pagasse nós estávamos mal, pois já tínhamos gasto gasolina, condução, hotel para ficar lá. Então nós estávamos de olhos arregalados. Bom daí eu tive a satisfação de ouvir do professor “Laudelino” que o trabalho estava muito bom e que eu tinha que apresentar oralmente no simpósio e levar o para a região. Foi o primeiro, depois vieram outros trabalhos.

Felizmente, eu tive a orientação do professor Tricart e houve um momento em que eu ia fazer a minha tese de livre docência e então como começar? Eu não sabia. Nessa ocasião o professor Tricart que todos os anos ia a Bahia perguntou se nós não queríamos que ele viesse aqui. Veio o professor e a partir de 75/76 até 82, esse foi o período em que Tricart esteve aqui e que nos auxiliou muito nas pesquisas. Nós fizemos um reunião de Instituto que estava presentes professores de geologia e professores de geomorfologia. O professor “Jair” era interessado e então participava das reuniões. Então nós escolhemos uma série de temas para trabalhar e nós queríamos fazer o exemplo do professor “Aziz“. Ele falava muito em áreas padrões no Brasil, nós pensávamos em fazer áreas padrões no Rio Grande do Sul. Foi aí que nós selecionamos a área de Alegrete que se falava em deserto, que o Rio Grande do Sul estava se tornando um deserto. Então nós fizemos o trabalho com o auxílio da “Sudesul”, na época, e o professor Tricart foi uma vez a área. Nós fizemos quase sozinhos, a redação foi nossa também. Depois fizemos outros trabalhos muito interessantes sobre a região do delta, porque a prefeitura do delta multidisciplinar onde se chegasse a uma conclusão das áreas sensíveis do delta aquelas de inundação, de não inundação, etc. E aquelas que deveriam ser mais preservadas. Então nós fizemos um mapeamento do delta com o auxílio, como sempre, dos mapas do exército e fotografias aéreas. Nesta ocasião eu lembro que chovia barbaramente eu, professor Tricart e outros técnicos da “Sudesul” fizemos um sobrevôo de helicóptero, eu quase que morri de tanto que tremia naquele helicóptero. Foi um trabalho bem interessante, porque nós fizemos um, cada equipe separadamente, a nossa foi geomorfologia, tinha de

geologia, tinha de botânica e outra mais. Acontece que a geomorfologia casou perfeitamente com o área da botânica, quase que nós superpusemos os mapas feitos por um ou por outro e a área eram quase coincidentes, daí a importância de nós termos de com botânicos e áreas de vegetação. Foi o nosso segundo trabalho.

O terceiro acho que foi sobre o Caí com uma orientação mais próxima do professor Tricart, pois era uma área muito difícil. Nós saímos de Alegrete uns serros maravilhosos, o relevo bem pouco “rastante”. Quando chegamos na região do “Taim” a superfície plana, eu disse: “Eu não vejo nada, como é que eu vou fazer”. Daí o professor Tricart subiu em cima de uma duna, ele era considerado geomorfólogos do mundo todo como geomorfólogo do Quaternário, e ele parecia emocionado com o magnífico Quaternário, ele subia na duna e olhava em direção ao mar e via aquela planura, a planura total. Era uma definição para mim, era só Quaternário, então já era um caminho andado. E assim nós fomos pesquisando, fazendo trabalho de campo, ele orientando. Tivemos a orientação também de um pesquisador de “Strasburgo” que era o “Trolimam”, ele fez trabalho de campo conosco. Eu tinha uma equipe que trabalhava na área de geografia do Brasil que era minha, meninas que para mim foram fabulosas de tal maneira. Elas me auxiliaram, estimularam e trabalharam nas confecções dos mapas e também do campo de maneira que daí saiu um trabalho que toldou e foi o final também tanto do meu trabalho aqui como do professor Tricart, ele depois não voltou, isso foi em 82. Ele redigiu o trabalho do Caí, o trabalho chama-se: “Estação ecológica do Taim e seus arredores”. Na França foi publicado o mesmo trabalho, pois ele dizia que o enterrasse desse trabalho era a metodologia nova que eles estavam aplicando, experimentando. Na época, reparem, nós começamos a trabalhar na pesquisa fazendo o trabalho de campo, em 79/80, as imagens de satélite não estavam difundidas, nós trabalhávamos com fotografias aéreas, com imagem do radar. Tinha tido também a oportunidade de trabalhar no radar, para mim foi muito bom, e quando nós fomos pro campo e vimos que a área do Taim, a planície costeira meridional (...). (...) porque era um banhado e era impossível caminha. Então o professor Tricart sugeriu que nós fôssemos a São José dos Campos em busca das imagens de satélite. Nós queríamos o contraste entre duas áreas, máxima de chuva, mínima de chuva, e nós temos lá no Taim não só área alagadas. Muitas vezes eu vejo nos jornais até hoje que o Taim está seco que até o banhado do Taim está secando, esta é a área de menor pluviosidade. Então nós pegamos uma área de menor pluviosidade de imagens de satélite e uma de maior pluviosidade e compramos as duas. Resultou junto com outros processos num mapa eco-dinâmico da planície costeira meridional do Rio Grande do Sul que eu acho que esse mapa dá

a oportunidade de um conhecimento dinâmico daquelas áreas, todo planície meridional. Dá também a oportunidade para trabalhos de maior detalhe como agora mesmo eu estava falando como um aluno, com grande satisfação para mim, que ele esta fazendo um trabalho na área do Taim.

Então é isso que a gente quer: que a gente vá aos poucos, mas que a gente dê o máximo que pode dar da gente mesmo naquilo que esta fazendo. Foi o que eu procurei durante todos os meus anos de trabalho desde 43, início do curso, até, 84/86. Então era isso, muito obrigada, desculpem, me alonguei muito.